

## REFLEXÕES NO JORNALISMO CULTURAL ATRAVÉS DOS ELEMENTOS TEATRAIS

LIZANDRA OLIVEIRA VILELA<sup>1</sup>; GILMAR ADOLFO HERMES<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [lizavilela@gmail.com](mailto:lizavilela@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [ghermes@yahoo.com](mailto:ghermes@yahoo.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este artigo trata-se de uma revisão bibliográfica que, unindo conceitos jornalísticos e do teatro, busca identificar como as notícias de produções teatrais podem ser trabalhadas no jornalismo cultural. Focando no cenário mundial a partir do século XX, tem como objeto de estudo identificar quais elementos do teatro que, apurados pelos jornalistas, podem levar estes profissionais da comunicação a trazerem mais veracidade e reflexão aos conteúdos que noticiam.

Daniel Piza (2008) conta que nascido em Londres, quando a filosofia mostrou-se necessária fora dos espaços acadêmicos, o jornalismo cultural resulta de conversas em cafés, crescendo então junto com as cidades. A partir deste momento, o homem comum começa a criar uma relação com textos que falavam do comportamento humano e faziam críticas aos costumes da sociedade, levando ao questionamento o direito e a liberdade de expressão.

Já no Brasil, o autor relata que o jornalismo cultural chegou no século XIX, sendo influenciado diretamente por escritores da área literária. Piza (2008) destaca a importância deste novo jeito de informar, pois foi o início do surgimento de figuras como a de Machado de Assis (1839-1908), que iniciou sua carreira como crítico de teatro. Outros escritores como José Veríssimo e Mário de Andrade estão na lista daqueles que levaram o jornalismo cultural às páginas dos jornais com excelência. Segundo Piza (2008), a grande época da crítica cultural no Brasil começou nos anos 40, indo até o final dos anos 60. Nomes como Álvaro Lins (1912-1970) e Otto Maria Carpeaux (1900-1978) merecem destaque, pois, com textos bem escritos e independentes, ajudaram revistas como *O Cruzeiro* e *Diretrizes*, assim como aos jornais, *Diário de S. Paulo* e *Correio da Manhã*, alcançar merecida fama e destaque neste período. Trazendo discussões sociais com originalidade e profundidade, influenciaram muitos artistas e intelectuais da época. Paulo Francis (1930-1997), que iniciou sua carreira como crítico de teatro, é outro profissional importante neste processo. Propondo uma produção artística nacional mais ativa, rompeu com os eufemismos e clubismos, transmitindo sua vasta bagagem cultural através de uma linguagem solta, direta e irônica, com comentários provocatórios e polêmicos. Porém, no decorrer dos anos, o jornalismo cultural moderno passou a sofrer crises de identidade. Piza (2008) afirma que, por conta do surgimento dos meios de comunicação de massa, principalmente o grande alcance que a televisão passou a ter, a capacidade seletiva deste estilo de jornalismo foi perdida, dando espaço para as polarizações grosseiras a que tem sido submetido.

Atualmente, uma espécie de superficialidade se faz presente nos textos relacionados à cultura nos jornais. Piza (2008) destaca alguns caminhos que teriam levado o jornalista a não mais aprofundar seus discursos.

Há três males comumente apontados. O primeiro é o excessivo atrelamento à agenda – ao filme que estreia hoje, ao disco que

será lançado no mês que vem etc. –, com isso, um domínio muito grande dos nomes já bem-sucedidos, dos eventos de grande bilheteria previsível, das celebridades e grifes. O segundo mal é o tamanho e a qualidade dos textos, especialmente desses que anunciam um lançamento, que pouco se diferenciam dos press-releases, salvo pelo acréscimo de uma declaração ou outra e/ou de alguns adjetivos, e que vêm diminuindo com o passar do tempo, sendo restritos às informações mais ralas. E o terceiro é a marginalização da crítica, sempre secundária a esses ‘anúncios’, com poucas linhas e pouco destaque visual, mais e mais baseada no achismo, no palpite, no comentário mal fundamentado mesmo quando há espaço para fundamentá-lo; há uma nostalgia, endossada pelas reedições de livros e coletâneas, dos grandes críticos do passado, de sua credibilidade autoral. (PIZA, 2008, p.62-63.)

A produção de textos do âmbito cultural teria, então, assumido um espaço muito pequeno diante das demais editorias. Os “fenômenos” de audiência ocupam agora um espaço gigantesco, ganhando repercussão e provável sucesso das massas, deixando de lado as temáticas de resistências. Sérgio Gadini (2009) relata que a televisão atualmente dita a agenda das editorias culturais. Os jornais utilizam de referências midiáticas ao informar o leitor sobre as produções, ocasionando uma espetacularização dos fatos.

No século XX, após Primeira Guerra Mundial, assistiu-se também ao aparecimento de um variado número de tendências dentro do universo teatral (TEATRO VIVO, 1976). Margot Berthold (2010) afirma que, se antes os questionamentos em relação à guerra não surgiam através das diversas linguagens, a partir de então a sociedade passa a produzir sentidos e questionamentos através desta nova realidade. É então que a arte assume seu papel político de forma muito presente. A partir de agora, ela se utiliza de elementos sociais, como a presença das indústrias e máquinas, assim como, produz linguagens híbridas, como a junção do teatro e o cinema na produção de espetáculos. A produção teatral passa a direcionar seu discurso para as questões sociais que ditavam os modos de se viver no momento. O livro Teatro Vivo (1976) informa que dramaturgos e encenadores engajaram-se politicamente, criando um teatro que situava o homem contemporâneo em seu contexto histórico e social.

Agora, o cidadão comum passa a se ver nos palcos. Seus anseios, medos, e problemas vigentes são atrelados às linguagens da cena, e passam a produzir sentido. Ao mesmo tempo, os espectadores são direcionados a um caminho de aprendizado, no qual suas relações são colocadas envoltas desta áurea do teatro, transformando-se esteticamente. A arte, além de entreter, passou a levar o público a refletir seu papel em sociedade, utilizando, além da sua essência, instrumentos da informação midiática para produzir e circular.

## **2. METODOLOGIA**

Esta pesquisa fundamenta-se a partir da pesquisa bibliográfica. Conforme as autoras Marconi e Lakatos (2007), esta técnica abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc. Utilizando autores de referências de ambas as áreas, jornalismo e artes cênicas, o estudo utiliza destes conceitos para embasar a pesquisa.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando Lúcia Santaella (1996) nos diz que todas as transformações sociais, em seu âmbito mais simples até o mais complexo, perpassam pelo território econômico, político e cultural, conseguimos ter retratado como a cultura se constitui. Sendo ela um conjunto sistemático, no qual as práticas sociais se encontram de forma a interpretar e identificar um povo, uma classe ou um grupo social, todos os processos que a circundam são responsáveis pelos resultados finais. A busca então de elementos do teatro que possam ajudar o jornalista a informar este segmento passa pelos três principais males que Piza (2008) aponta como sendo os causadores da má produção jornalística cultural.

O primeiro mal vem do apego às agendas. Não é possível informar de forma coesa e com veracidade um produto artístico se for atribuído a ele um espaço qualquer no jornal. Sendo as artes cênicas uma vertente da arte que tem como base a troca de informação com seu público, particularidades informativas a englobam. Por exemplo, as produções teatrais, ao longo dos anos, estão sendo modificadas. Barbara Heliodora (2008) destaca que este processo ocorreu por conta do mundo globalizado e suas características. Os meios de comunicação, ao meio do século passado, iniciaram a produção de um conteúdo mais global, desfazendo fronteiras. Desde então, as encenações passaram a ser pensadas de forma que a democratização da arte, usando de diversas linguagens presentes no mundo, ocorresse. Sendo assim, utilizando elementos reflexivos do teatro, o jornalista pode situar seu leitor de forma bastante coerente. Não tratando segundo os conceitos da indústria cultural, mas sim, entendendo estes processos de construção de cenas, o profissional de comunicação poderá encaminhar a sociedade para uma reflexão através de seu texto.

O segundo mal seria a falta de qualidade nos textos. Sendo o jornalismo e o teatro dois construtores políticos, já que ambos conquistaram ao longo dos anos este caráter, ignorar que a produção cultural passa por este campo não é mais possível. Quando o teatro no século XX demonstrou a impotência dos atos humanos através de seus produtos, assinou de fato seu compromisso político e social (TEATRO VIVO, 1976). Ignorando até mesmo a linguagem como veículo de comunicação, através de seus objetos teatrais, estabeleceu um vínculo importante com seu espectador. Sendo assim, quando o jornalista informa sobre quais os critérios que a produção cênica apresenta, precisa fazer esta conexão com o social, já que as criações contemporâneas não ignoram esta relação. Portanto, usando do caráter político do teatro, o jornalista quando faz esta ligação entre teatro e sociedade, consegue identificar os vínculos que o diretor quis mostrar e estabelecer com seu público que, ao mesmo tempo, é o leitor deste comunicador.

O último mal que Piza (2008) apresenta é o uso do achismo e do palpite. O teatro possui vários estilos, assim como o jornalismo. Pensando nisto, este mesmo profissional, ao informar sobre as diversas produções teatrais, não deve utilizar de uma mesma forma de comunicação. Caso isto ocorra, o jornalista não estará comprometido com seu leitor, pois, questionar e agregar o máximo de informações apuradas é uma das premissas desta prática. Além do mais, ocasiona àquilo que Piza (2008) diz ter sido um dos traumas do jornalismo cultural ao longo dos tempos, a falta de apuração nos textos. Sendo assim, pesquisar e não ignorar todas as linguagens que o teatro possui faz com que o jornalista noticie produções de artes cênicas de forma eficaz e verossímil.

### 4. CONCLUSÕES

O jornalismo cultural precisa voltar a utilizar das diversas linguagens que as produções culturais utilizam para informar. No caso do teatro, seus processos de montagem, ao longo dos anos, desenvolveram caminhos para que os comunicadores possam entender sobre aquilo que estão informando. Estabelecer uma relação com as linguagens teatrais é uma das maneiras eficazes que o jornalista possui para identificar elementos que o levem a responder questões cotidianas, ao mesmo tempo em que o ajuda a colocar em prática a sua atividade fim, informar com veracidade.

Este artigo continuará sendo trabalhando em um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de jornalismo. Através de uma análise de conteúdo segundo Laurence Bardin(1977), serão identificados, através de inferências, quais os caminhos que os jornalistas da cidade de Pelotas, dos jornais *Diário Popular* e *Diário da Manhã*, utilizam para construir notícias do âmbito das artes cênicas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**; [tradução Maria Paula V. Zurawski, J. Guinsburg, Sérgio Coelho e Clóvis Garcia]. São Paulo: Perspectiva, 2010.

TEATRO VIVO: Introdução e História. São Paulo: Abril Cultural, 1976. Coleção Teatro Vivo.

FARO, J.S. **Nem tudo que reluz é ouro**: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. Comunicação e Sociedade. São Bernardo do Campo: Metodista, Ano 28, nº 46, 2006.

GADINI, Sérgio Luiz. **Interesses cruzados**: a produção da cultura no jornalismo brasileiro. São Paulo: Paulus, 2009.

HELIODORA, Barbara. **O teatro explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

LOPES, D.F; COELHO J. Sobrinho; PROENÇA, J. L. **Edição em jornalismo impresso**. São Paulo: Edicon, 1998

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2007

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

RAMOS, Alexandre Dias. **Mídia e Arte: aberturas contemporâneas**. Porto Alegre: Zouk, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **(Arte) & (cultura)**: equívocos do elitismo. São Paulo: Cortez: Universidade Metodista de Piracicaba, 1982.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. In: \_\_\_\_\_. Cultura das mídias. São Paulo: Experimento, 1996.